

SOBRE A NEGAÇÃO FRÁSICA EM PORTUGUÊS EUROPEU:
PROPRIEDADES e ESTRUTURA SINTÁCTICA¹

I. Principais estruturas envolvendo negação frásica: descrição e assumpções

Embora o estudo da negação tenha constituído motivo de interesse desde muito cedo no âmbito da Gramática Generativa,² este estudo restringir-se-á à consideração de Pollock (1989) e trabalhos subsequentes. Tal deve-se ao facto de esse artigo introduzir uma noção fundamental relativamente ao presente objecto de estudo: o da existência de uma projecção negativa, entre as de tempo e concordância (as categorias funcionais relativas à flexão), de extrema importância para a caracterização do movimento do verbo e da estrutura sintáctica.

Tais propostas são assumidas por extensão para o PE. Assumindo-se ainda o Princípio do Espelho, como introduzido em Baker (1985) e discutido em Belletti (1990; 1992), parte-se de uma ordenação das categorias funcionais relativas a flexão e negação tal como em 1):

1) [AgrP { NegP [TP ...]]

Tal opção implica a rejeição de outras propostas recentemente surgidas na literatura, nomeadamente a de Zanuttini (1991), na qual NegP tem domínio sobre IP. A maior causa de rejeição de tal proposta neste texto (tal como já fundamentado para o PE em Matos (1989)) prende-se com o facto de a posição de poiso do sujeito ser variável em função da frase ser ou não negativa^{3,4}.

A autora fundamenta-se especialmente na análise de frases como 2), de que apresenta a paráfrase em 3), nas quais a negação teria escopo sobre as duas orações. No entanto, e de acordo com a discussão em Belletti (1992), tais frases não serão tomadas como conclusivas.⁵

(Zanuttini (1991:59))

2)a. Non lo prendo adesso e te lo riporto tra tre giorni

b. I am not going to take it now and return it to you in three days

"eu não te vou tomar isto agora e devolver-to em três dias"

Ainda de acordo com o que é assumido em Pollock (1989) para *ne* em francês e em Belletti (1990; 1992) para *non* em italiano, assume-se que *non* é a cabeça de NegP. O principal argumento relaciona-se com estruturas de subida do verbo a comp (aux-to-comp), replicáveis para o PE, tal como em 3):

3) Não estando o João disponível, chamaram o Paulo

Tendo em conta tais suposições, propõem-se seguidamente análises para as principais estruturas envolvendo negação frásica em PE.

4) evidencia a posição do principal marcador, aparecendo este sempre numa posição pré-flexional, pelo menos na ordem frásica linear.

4) O João não tinha ido ao cinema

Para tal estrutura assumiremos a existência de um operador nulo em SpecNeg, o qual permite a satisfação do Critério-Neg (Haegeman & Zanuttini (1991); Haegeman (1993)), tal como definido em 5) e 6):

5) Critério-Neg:

a. Um operador-NEG tem de estar numa configuração spec-cabeça com um X⁰[NEG]

b. Um X⁰[NEG] tem de estar numa configuração spec-cabeça com um operador-NEG

6)a. Operador NEG: um constituinte negativo em posição de escopo

b. Posição de escopo: uma posição A' periférica à esquerda [Spec,XP] ou [YP,XP]

É aqui assumido que tal operador é o responsável pelos efeitos de ilhas internas, tal como analisados em Rizzi (1990). No quadro da Minimalidade Relativizada (MR), o contraste entre a subida de argumentos e de adjuntos, replicado para o PE em 7)a. e b., terá obrigatoriamente como fonte um elemento A' ; não, uma cabeça, nunca poderia ser o responsável por tal contraste.

(como em 37; Rizzi (1990); adaptado de Ross (1983))

7)a. O Pedro está aqui, o que eles (não) sabem

Bill is here, which they (don't) know

b. O Pedro está aqui, como eles (*não) sabem

Bill is here, as they (*don't) know

Em 8) verifica-se a coocorrência entre o marcador e um constituinte negativo em posição pós-verbal. Pela definição em 6)b., assume-se aqui que tal constituinte só contará como operador em FL; considera-se que se trata de um contexto de absorção; de concordância negativa, visto que se exprime uma só instância de negação⁶.

8) O Pedro não deu nada a ninguém

Em 9) verifica-se o contraste com o constituinte negativo em posição pré-verbal: a cabeça negativa cai obrigatoriamente:

9)a. Ninguém respondeu à pergunta

b. Nadá assustou o João

Tal é igualmente o caso em presença de um constituinte negativo em posição pósverbal:

10) Ninguém perguntou nada à Maria

Relativamente a contextos como em 9) e 10), é possível considerar, tal como em Haegeman (1993), que a cabeça negativa não é realizada por um princípio de economia. Este tipo de contextos será retomado abaixo, propondo-se uma explicação distinta.⁷

Tendo em conta a distribuição acima, considerar-se-á não uma cabeça forte, segundo a tipologia proposta em Haegeman (1993), já que: considera-se a existência de um operador nulo em contextos como 4); a cabeça negativa tem de ser identificada por realização em Estr-S em contextos como 4) (diferentemente de cabeças fracas, como *ne* em francês, nos dialectos em que pode ser omitida); não é gerado como cabeça de NegP (diferentemente de *not* em inglês, gerado numa projecção de polaridade (PolP)); o Critério-Neg é satisfeito em FL (diferentemente do que se verifica em línguas como o flamengo ocidental) e por concordância estática.

Relativamente à derivação, assume-se que a cabeça negativa acaba em Estr-S incorporada em Agr⁰, com o verbo; é uma incorporação forte, visto que a cabeça se desloca com o verbo para C⁰ em contextos como 11):

11) O que não viu o João?

Quanto ao tipo de movimento, duas hipóteses têm sido consideradas na literatura; ou o verbo e a cabeça negativa se deslocam independentemente⁸, ou o verbo sobe por Neg⁰. A questão será retomada adiante, defendendo-se aqui a segunda possibilidade.

II. A sintaxe dos advérbios negativos

Relativamente a *never* em contextos como 12), Pollock (1989) diz tratar-se de um advérbio em adjunção a VP, o que é bastante plausível, tendo em conta que se assume o abaixamento dos afixos até ao verbo:

12) John never went to the cinema

J nunca foi a o cinema

A extensão desta análise ao PE não é no entanto linear visto que se assume que o verbo sobe a AgrP.

Belletti (1990; 1992) propõe o tratamento de advérbios como *mai*, *ancora* ou *piu* em italiano por analogia ao de *pas* em francês: seriam gerados em SpecNeg. No entanto, a diferença de comportamento relativamente à absorção com quantificadores negativos pós-verbais, leva a autora a aproximar aqueles advérbios de *plus*: seriam gerados *mais* abaixo na estrutura (possivelmente em adjunção à projecção aspectual), e posteriormente movidos para SpecNeg.

Os contextos para os quais tal análise é proposta estão replicados para o PE em 13) a 15):

13) O João não foi nunca/ainda/mais ao cinema

14) O João não tinha nunca/ainda/mais ido ao cinema

15) O João não tinha ido nunca/ainda/mais ao cinema

Tendo em conta este paralelismo, parece então possível alargar a análise de Belletti (1990; 1992) ao PE. No entanto, a situação é mais complexa, já que *nunca*, diferentemente de *mai*, permite construções como 16):⁹

16) O João nunca foi ao cinema

De facto, esta é mesmo a posição não marcada em PE para *nunca*, em paralelo com a do principal marcador de negação frásica; tratar-se-á de saber se corresponde de facto à mesma posição estrutural.

Uma predição é imediatamente passível de verificação: se *nunca* é gerado na posição de *não*, deverá igualmente incorporar-se em Agr⁰ e, tratando-se do mesmo tipo de incorporação, mover-se com o verbo em contextos em que este se desloque para C⁰.

Tal verifica-se, de facto:

17) O que nunca viu o João?

Um outro argumento prende-se com o licenciamento do constituinte de coordenação negativa, *nem*, possível também com *nunca*:¹⁰

18)a. Ele não come peras nem maçãs

b. Ele nunca come peras nem maçãs

Outros dados relevantes podem ser apontados. Assim, é interessante verificar que na região do Alentejo um contexto como 19) pode significar "eu ainda não a vi hoje"; ou seja, nunca pode significar não, o que ocorre, segundo Silva (1984) "quer com ênfase, quer no falar comum". Tal sugere que os dois constituintes sejam de facto gerados no mesmo local.

19) Eu nunca a vi

Também em português arcaico (PA) somos confrontados com factos interessantes, embora os constituintes negativos em posição pré-verbal coocorressem com a cabeça negativa, tal nunca sucedia com nunca. Este ocorria sempre só, como em 20):

(PA; Cruzeiro (1973:412))

20)a. (...) que nunca foi lêda tanto de novas como destas.

b. (...) tamanha coita nunca sofri (...)

c. (...) que nunca o foi peor em logar u fôsse.

Este facto é especialmente interessante visto que tal não se verificava em línguas muito próximas, como o espanhol arcaico (EA):

(EA; Llorens (1929:60))

21)a. de mim nunca non se parte

b. yo nunca non lo pude aprender de otro

Como referido acima, nunca licenciava já nem (cf. nota 10):

(PA; Cruzeiro (1973))

22)a. ... que nunca perdi cuidado nem afan, des que ...

b. ... a qual nunca ouuera, des que nascera, nê no podia auer maior ...

É ainda possível referir um outro dado relevante: em crioulos de base portuguesa, como o de Cabo Verde (CV), em que os constituintes negativos em posição pre-verbal

coocorrem com o marcador de negação frásica, este (ka) derivou morfologicamente de nunca¹¹, tal como se terá igualmente verificado, segundo Hancock (1975) (apud Holm (1989)), em papia kristang para o marcador ngka.

(CV; Almada (1961) apud Holm (1989))

23)a. El ka fala

(Silva (1984:173))

b. ningê kâ tâ bá lá

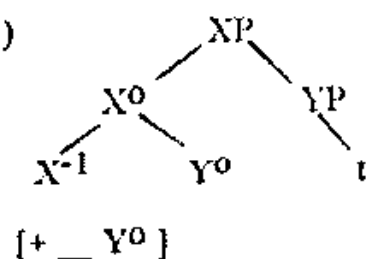
c. nádâ kâ tâ x(e)gál

d. ni dêz kâ sirbi

e. ni êl kâ sabê

Por todos os argumentos acima, assumiremos que nunca pode ser gerado em Neg⁰,¹² seleccionando morfologicamente o verbo (tal como não), o qual se incorpora nessa posição, processo caracterizado em Rizzi & Roberts (1989), como em 24), com base no conceito de incorporação tal como introduzido em Baker (1988).

24)



Assume-se pois que o movimento da cabeça negativa para Agr não se dá pela sua natureza clítica, o que de resto seria dificilmente defensável para nunca.

Quanto ao aparente contra-argumento relativo aos contextos envolvendo verbos infinitivos em francês (cf. nota 8), duas hipóteses se podem considerar: ou se defende que a cabeça negativa selecciona um verbo com determinados traços ou se opta pela solução apresentada em Ouhalla (1990), aqui assumida: nessas estruturas pas desloca-se para Neg⁰, estando AgrS ausente da estrutura; tal não é considerado tecnicamente um movimento de abaixamento uma vez que pas c-comanda (governa por antecedente)

o seu vestígio. De resto, não é nova esta proposta de derivação. Ela é defendida em Moritz (1989) (embora seja aí abandonada pelo caso das infinitivas em francês a que aludimos já), em Rizzi (1991) e ainda num artigo (a sair) do mesmo autor citado em Haegeman (1993). Ai se defende que num contexto como 25) o verbo passa por Neg⁰, onde adquire um traço negativo, movendo-se posteriormente até C⁰, sendo o Critério-Neg satisfeito a esse nível, com o constituinte negativo em SpecC.

25) On nò account will I go there

em nenhum caso FUT eu ir lá

III. Contextos de coocorrência de nunca e ninguém em posição de sujeito

Assumindo as propostas acima, diversas predições são verificáveis. A mais imediata prende-se com a coocorrência de nunca em posição pré-verbal e ninguém em posição de sujeito, a qual deverá ser impossível, em paralelo com o que se passa com não. Tal é verdadeiro (cf. 26)b.); note-se o contraste com a ocorrência de nunca em posição de adjunção (cf. 26)c.):

26)a. *Ninguém não foi ao cinema

b. ?*Ninguém nunca foi ao cinema¹³

c. Ninguém tinha nunca ido ao cinema

É ainda relevante assinalar o comportamento dos advérbios de tempo relativamente a nunca: podem ocorrer numa posição comum a esse constituinte quando este se encontra em posição de adjunção, mas não quando foi gerado como cabeça (cf. o contraste entre 27)a. e b.).

Note-se que nunca não deverá ser tratado como um advérbio de tempo visto que pode coocorrer com esse tipo de advérbios (cf. 27)c. e d.).

27)a. Onde (é que) não foste nunca/ontem?

b. Onde (é que) nunca/*ontem foste?

c. Ontem ele nunca disse isso

d. Eu nunca vi aquela mulher antes

Relativamente à posição de ontem em 27)a., poderá parecer estranho assumir que advérbios que não são negativos se possam adjungir a NegP. No entanto, esta possibilidade foi já explorada em Ouhalla (1990) para advérbios de frase em contextos como 28)a. e b.:

(62; Ouhalla (1990))

28)a. Marie n' a certainment pas perdu la tête

M não tinha certamente perdido a cabeça

b. Jean n' a evidement pas lu Franz Fanon

J não tinha evidentemente lido F F

Poder-se-ia ainda argumentar que ontem pode ocorrer em posição pré-flexional (onde propusemos para nunca a geração na posição de cabeça) (cf. 29)a.). No entanto, não se trata da mesma posição: os dois advérbios podem coocorrer e nunca (tal como não) ocorre obrigatoriamente adjacente ao verbo. Relativamente à posição de ontem em contextos como 29)a., assumirei duas possibilidades: ou adjunção a AgrP, tal como na análise proposta em Belletti (1990; 1992) para advérbios de frase, como em 29)d., ou adjunção a Agr'.

29)a. Ele ontem disse isso

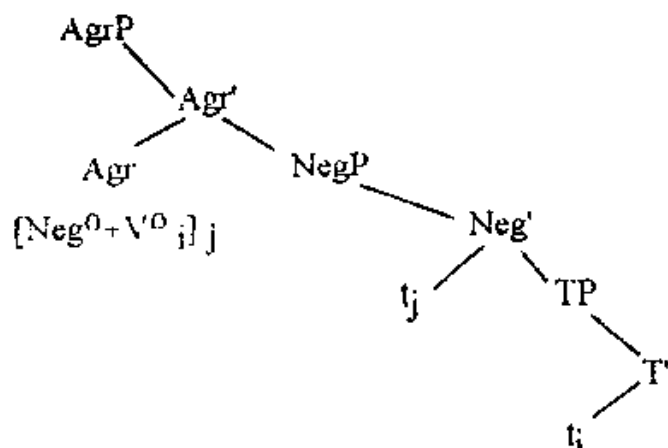
b. Ele ontem nunca disse isso

c. *Ele nunca ontem disse isso

d. Ele certamente disse isso

Tendo em conta todos os argumentos acima, assumiremos pois uma possibilidade dupla de geração de nunca. Relativamente ao movimento do verbo, assumiremos um movimento cabeça a cabeça, com incorporação em Neg⁰, como representado em 30):

30)



Gostariamos agora de defender um movimento do mesmo tipo (i.e., cabeça a cabeça) para o sujeito negativo. Assumindo que este constituinte é gerado em SpecVP (de acordo com Koopman & Sportiche (1988)); assumindo ainda que se trata de um elemento A' (operador), o seu movimento para SpecAgr (uma posição assumidamente A) é, à partida, impróprio. Por outro lado, SpecNeg é uma posição A' (cf. Moritz (1989) e Rizzi (1990) para os argumentos relativos à MR).

Várias análises têm sido propostas. De acordo com Haegeman (1993), aquele constituinte salta SpecNeg para aterrar em SpecAgr, cuja natureza (A/A') seria sempre determinada pelo argumento movido.

Moritz (1989) propõe que o sujeito negativo não salta SpecNeg, deslocando-se daí para SpecAgr. Note-se no entanto que também esse movimento é impróprio e terá de ser excepcionalmente fundamentado.

O que se assumirá neste trabalho é que o sujeito negativo se desloca até SpecNeg (já que tanto o constituinte como a posição são assumidamente A') mas que o movimento posterior não se verifica; ou seja, defende-se que os sujeitos negativos são legitimados em SpecNeg, terminando nessa posição em Estr-S. Trata-se pois de uma relação espec-cabeça distinta com o verbo que se encontra em Neg⁰ e é por sua vez satisfeito nessa posição, quando em presença de um sujeito negativo.

Relativamente a tal proposta, a objecção mais imediata prende-se com a atribuição de caso. Note-se no entanto que a função de tal atribuição está relacionada com a referencialidade do argumento; no entanto, estes argumentos são sempre não referenciais. Logo, é possível que não necessitem sequer de caso (como me foi sugerido por Uri Shlonsky (c.p.)).¹⁴

Defende-se assim uma derivação distinta (envolvendo uma relação de concordância distinta) com base nas diferenças relativas à referencialidade entre os dois tipos de argumentos (sujeitos negativos vs. não negativos).

Apresentam-se de seguida argumentos para a fundamentação desta proposta. Antes de mais, há que notar que os sujeitos negativos são sempre indefinidos (nunca podem ser especificados), o que se torna mais evidente quando o constituinte pode ser empregue com outras acepções na língua - tal é o caso de *personne* em francês ou *homem* no PA: nos exemplos abaixo as formas "home/homen" não poderiam ser especificadas nem poderiam variar em número ou pessoa:

(Llorens (1929:121))

- 31)a. eu te rrogo... que me des hu doom que te home nom pedio (...)
b. nom sabia homen na gram bretanha caualciros de tal nomeada

De igual-modo, estes constituintes nunca podem ocorrer em estruturas clivadas. (Cf. o contraste com outras formas indefinidas, como *alguém* em 32)a.):

- 32)a. Foi o João/um rapaz/alguém que partiu o vidro
b. *(Não) foi ninguém que partiu o vidro

Em termos teóricos, pensando em termos de verificação (*checking*, no sentido de Chomsky (1992)), e se quisermos manter a distinção entre posições A e A' (no espírito do que propoe Shlonsky (1992) para o nível CP) uma outra vantagem poderá ser apontada: os traços *phi* seriam verificados em AgrP e os NEG em NegP.^{15, 16}

Em termos morfológicos, é possível também detectar evidências em favor da nossa proposta. Assim, consideraremos que a marcação formal invariável de 3ª pessoa singular no sujeito e no verbo não correspondem a uma verdadeira concordância mas a uma forma impessoal.¹⁷

Esta solução está relacionada em espírito com o que Kayne (1991) propõe para o friulano. O autor descreve contextos correspondentes à estrutura 33)b. em italiano, como em 33)a..

(F)

33)a. Si V cl

(I;48b; Kayne (1991))

b. Se ne parla
se disso fala

Ele assume que nestes contextos o morfema flexional no verbo (formalmente, uma 3ª pessoa singular) é nulo:

34) " there is in fact no person-number morpheme at all suffixed to the verb".

Nesses contextos, Agr seria de um tipo abstracto, não forçando o verbo a deslocar-se até si. Assim, propõe uma estrutura como em 35) (com T mais alto que Agr):

(50; Kayne (1991))

35) ... si ... V+T ... Cl+Agr ... [T e] ... [VP[V e] ...

Assim, para os contextos em discussão aqui, defendemos estar também em presença de um Agr abstracto que não força o movimento do verbo até si. Pode-se pois estabelecer a correlação entre um Agr abstracto e a cabeça negativa nula.¹⁸

É mais uma vez possível a exploração de predições feitas a partir desta proposta.

Assim, prevê-se que - assumindo que quando nunca ocorre com ninguém em posição de sujeito só pode ocupar a posição de adjunção (cf. a discussão acima) e assumindo por outro lado que o sujeito negativo termine em SpecNeg, por oposição aos referenciais - nunca ocorra depois do sujeito "normal", e antes do sujeito negativo. Tal verifica-se:

36)a. *Nunca o João foi ao cinema¹⁹

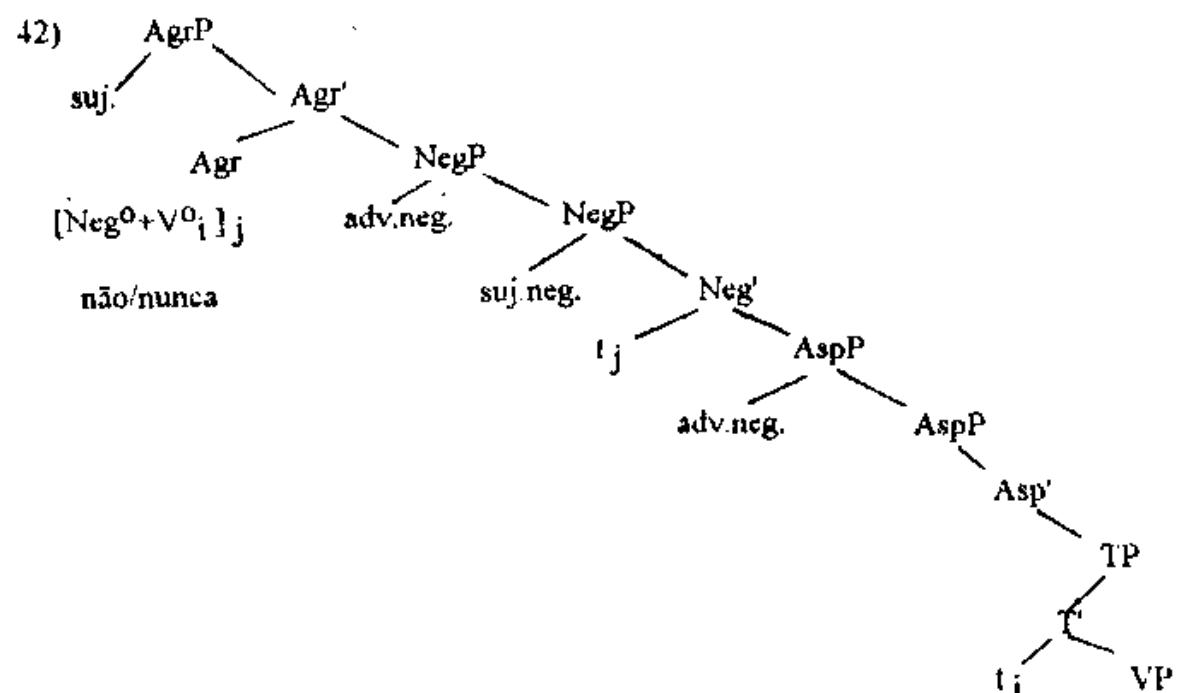
b. Nunca ninguém foi ao cinema

Para a discussão de outros casos recentemente surgidos na literatura, aqui omitida por limitações de espaço, consulte-se Gonçalves (1993).

IV. Conclusão

Neste trabalho discutiram-se as principais estruturas envolvendo negação frásica em PE. Como principais conclusões referem-se: a defesa de um movimento cabeça-a-cabeça para o verbo (com incorporação em Neg⁰) e para o sujeito negativo (tendo em SpecNeg a sua posição terminal em Estr-S); a dupla possibilidade de geração de nunca: em adjunção a AspP (com possível subida posterior para se adjungir a NegP) e em Neg⁰.²¹

Propõe-se assim a estrutura frásica abaixo representada, com as seguintes derivações:



Notas

- 1- Este trabalho foi desenvolvido no âmbito do mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e do Diplôme d'Études Supérieures na Universidade de Genebra. Gostaria de agradecer em especial aos Professores Inês Duarte, Liliane Haegeman, Luigi Rizzi, Uri Shlonsky e Adriana Belletti por todas as discussões, sugestões e apoio, sem os quais este trabalho não teria existido.
- 2- Refiro-me, nomeadamente, a Kläina (1964), Lasnik (1972) e para as línguas românicas em especial Rivero (1970) e Bosque (1980).
- 3- A autora deixa ainda duas possibilidades em aberto: o sujeito encontrar-se em adjunção a NegP ou NegP estar sempre presente na frase (e, logo, o sujeito terminar sempre em SpecNeg). No entanto, se esta proposta parece convincente para a estrutura frásica tal como caracterizada em Laka (1990), em que uma projecção *sigma* está presente, correspondendo a NegP, tal não me parece ser o caso para Zanuttini (1991), tendo em conta a forma como aquela projecção é caracterizada nesse texto.
- 4- É de referir que a proposta de ordenação das categorias funcionais tal como em Zanuttini (1991) implica negar que a cabeça negativa tenha uma natureza clítica, visto que é gerada acima da posição de chegada do verbo.
- 5- Belletti (1992) propoe uma análise alternativa para estes contextos, recorrendo à possibilidade de gerar AgrP recursivamente; a coordenação far-se-ia ao nível de AgrP2, o mais baixo, aterrando o verbo (e o marcador negativo) em Agr01.
Uma outra possibilidade, segundo a autora, é tratar-se da coordenação de uma oração negativa com uma positiva.
Crucialmente, a autora pretende continuar a assumir a natureza clítica do marcador negativo como justificação para a sua incorporação em Agr⁰ (cf. nota 4).

6- Estabelece-se com este conceito um paralelismo nítido com os contextos interrogativos, que de resto é evidente em todo o trabalho desenvolvido sobre o tema por L. Haegeman. Cf., nomeadamente, a formulação do Critério-Neg, por analogia com o Critério-Wh (cf. Rizzi (1991) e Haegeman (1993))

7- Não serão considerados neste texto contextos de deslocação à esquerda de constituintes negativos, como em i). visto a sua gramaticalidade ser (pelo menos) discutível em PE; algumas ocorrências são aceites por alguns falantes mas não há unanimidade em muitos juízos.

i) *A ninguém ela deu importância

Gostaríamos de retomar estes contextos em investigação futura, nomeadamente procurando determinar quais os contextos que permitem a deslocação. Nota-se a título ilustrativo que contextos semelhantes em italiano não parecem levantar quaisquer problemas:

(1e. e 1h.; Haegeman (1992))

ii)a. A nessuno Gianni telefona

a ninguém G telefona

b. A nessuno Gianni dice niente

a ninguém G diz nada

8- Esta análise, defendida nomeadamente em Moritz (1989) e Belletti (1990;1992) implica uma violação do PCV, tal como discutido naqueles textos. Essa violação restringe-se no entanto ao nível derivacional, o qual não é relevante para a aplicação do referido princípio, de acordo com Chomsky (1989). A opção por esta análise nos textos citados prende-se sobretudo com os contextos envolvendo verbos infinitivos em francês, como em i):

i) Ne pas manger est dangereux

Nestes contextos *ne* desloca-se aparentemente para *Agr*⁰ sem que o verbo o acompanhe. Para a análise destes contextos optaremos por uma outra explicação, de acordo com Ouhalla (1990) (cf. abaixo).

9- Em italiano *mica* permite construções paralelas a 16). No entanto, segundo os julgamentos de falantes nativos, só ocorre em registos muito informais, o que torna a sua análise complexa. De certa forma, tal é também o caso de *Jamais* em português, embora restrito a contextos de tipo distinto (i.e., formais).

10- Este argumento foi já apresentado em Vigário (1991) para o português arcaico (PA); cf. também discussão abaixo.

11- Assumem-se as conclusões de Silva (1984) e Teyssier (1983) (apud Holm (1989)), embora os autores registem que há alguma controvérsia sobre o tema.

12- Note-se que esta não pode ser a única posição de geração de *nunca*, já que se verificam contextos como 13) a 15) acima. Para esses assumiremos a análise proposta em Bellerti (1990; 1992): o advérbio é gerado em adjunção a *AspP*, subindo eventualmente (na presente proposta, para a posição de adjunção a *NegP* e não para *SpecNeg* - cf. o próximo ponto).

Embora esta não pareça uma solução totalmente satisfatória, parece-nos altamente favorecida pela discussão dos dados acima apresentados. É ainda de notar que os dois tipos de ocorrência de *nunca* não são exactamente sinónimos, visto que 16) corresponde a uma interpretação não marcada e 13) a 15) a contextos enfáticos.

13- Os julgamentos reportam-se aos contextos não marcados; embora não consideremos 26)b. totalmente agramatical, este contexto é nitidamente mais marcado que i) (cf. discussão abaixo):

i) Nunca ninguém foi ao cinema

Um dado muito interessante (a explorar em futura investigação) foi-nos sugerido por Maria João Freitas (c. p.): estruturas como em 26)b. parecem ser mais facilmente aceitáveis (embora igualmente marcadas) quando em estruturas encaixadas:

ii) ??Ele disse que ninguém nunca foi ao cinema

14- Uma outra possibilidade compatível com a análise apresentada acima foi-me sugerida por A. Belletti (c.p.): a legitimação dos sujeitos é feita abaixo (possivelmente em SpecTP), sendo o movimento posterior de um tipo distinto.

15- É no entanto de notar que o Critério-Neg não é exclusivamente satisfeito em NegP - cf. a discussão sobre o exemplo 25) acima.

16- Em PE é ainda possível detectar outras diferenças no comportamento sintáctico dos dois tipos de sujeito, nomeadamente em relação à posição dos clíticos que com eles coocorrem:

i) a. O João fez-lhe um carinho

b. Ninguém lhe fez um carinho

A explicação desta distinção está no entanto fora do âmbito deste trabalho, visto que implica um estudo sobre os contextos envolvendo ênclise em PE.

17- Talvez se possa relacionar o facto de a 3ª pessoa singular ser sempre (pelo menos, em todas as línguas que conhecemos) escolhida como forma impessoal com o que é assinalado em Duarte e Matos (1984): o pro de 3ª pessoa singular parece ser "menos phi" que os outros.

18- Deve-se assumir que todos os argumentos acima apresentados se referem unicamente aos quantificadores negativos puros em posição de sujeito, excluindo-se

pois os contextos envolvendo NPs quantificados, como em i):

i)a. Nenhum menino foram ao cinema

b. Nenhum menino foi ao cinema

c. Nenhum de nós/deles foi ao cinema

Por falta de espaço, não nos é possível fundamentar aqui a distinção estabelecida entre os dois tipos de constituintes. Remete-se o leitor interessado para Cinque (1990), Acquaviva (1992) e especialmente Gonçalves (1992; 1993).

19- De novo, os julgamentos referem-se aos contextos não marcados. Assim, parece-nos que numa estrutura como 36)a. se pretende enfatizar o sujeito; cf. i):

i) ?Nunca o João foi ao cinema, já o Pedro vai todos os dias

Assumindo tal estrutura, importa determinar a posição de *nunca*. Embora não tenhamos uma solução definitiva, a possibilidade mais óbvia parece ser adjunção a AgrP, o que nos traz de novo ao confronto com outros advérbios, como *ontem* (cf. ii)a). É no entanto de notar que, enquanto i) é uma estrutura marcada, ii)a não o é. Por esse motivo, parece-nos possível que i) se trate de uma estrutura de deslocação à esquerda do constituinte negativo.

ii)a. Ontem o João foi ao cinema

b. O João ontem foi ao cinema

(Cf. também a nota 13 acima.)

21- A possibilidade de geração em sítios diversos para o mesmo constituinte foi já explorada para a negação de constituinte em Cardinaletti & Guasti (1992).

Referências

- Acquaviva, P. (1991), "On Negative Operators", ms., University College, Dublin
- Almada, M. (1961), *Cabo Verde: Contribuição para o Estudo do Dialecto Falado no seu Arquipélago* - Estudos de Ciências Políticas e Sociais Nº 55, Junta de Investigações do Ultramar, Lisboa
- Baker, M. (1985), "The Mirror Principle and Morphosyntactic Explanation", *LI*, 16, 373-415
- _____ (1988), *Incorporation: a Theory of Grammatical Function Changing*, University of Chicago Press, Chicago
- Belletti, A. (1990), *The Syntax of Verb Movement*, Rosenberg, Torino
- _____ (1992), "Verb Positions, NP Positions. Evidence from Italian". ms., Université de Genève
- Bosque, I. (1980), *Sobre la Negación*, Ediciones Cátedra, Madrid
- Cardinaletti, A. & T. Guasti (1992), "Negation in Small Clauses", apresentação no congresso Going Romance, Amsterdam
- Cinque, G. (1990), *Types of A' Dependencies*, MIT Press, Cambridge, Mass.
- Chomsky, N. (1989), "Some Notes on the Economy of Derivation and Representation", in MITWPL 10
- _____ (1992), "A Minimalist Program for Linguistic Theory", in MIT Occasional Papers
- Cruzeiro, E. (1973), *Processos de Intensificação no Português dos Séculos XII a XV*, Centro de Estudos Filológicos, 18, Lisboa
- Duarte, I. & G. Matos (1984), "Clíticos e Sujeito Nulo em Português: para uma Teoria de pro", in *Boletim de Filologia*, 29, 1-4, 479-538

- Gonçalves, F. (1992), "NegP: Expressão de Negação e Estrutura Sintáctica", ms., Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
- _____ (1993), "On the Syntax of Sentential Negation in European Portuguese", ms., Université de Genève
- Haegeman, L. (1992), "Sentential Negation in Italian and the NEG-Criterion" in *GenGenP*, Vol.0, N.0, Université de Genève
- _____ (1993), *Syntax of Negation*, ms., Université de Genève
- _____ & R. Zanuttini (1991), apresentação no GLOW 1991
- Hancock, I. (1975) "Malaca Creole Portuguese: Asian, African or European?", *Anthropological Linguistics* 17 (5), 211-236
- Holm, J. (1989), *Pidgins and Creoles*, C.U.P., Cambridge
- Kayne, R. (1991), "Romance Clitics, Verb Movement and PRO", *LI*, Vol. 22, N.4, 647-686
- Klima, E. (1964), "Negation in English" in A. Fodor & J. Katz (eds.), *The Structure of Language*, Prentice Hall, Eaglewood Cliffs
- Koopman, H. & D. Sportiche (1988), "Subjects", ms., University of California, Los Angeles
- Laka, I. (1990), *Negation in Syntax: on the Nature of Functional Categories and Projections*, PhD thesis, MIT, Cambridge, Mass.
- Lasnik, H. (1972), *Analyses of Negation in English*, PhD thesis, MIT Press, Cambridge, Mass.
- Llorens, E. (1929), *La negation en el español antiguo con referencia a otros idiomas*, Anejo de la RFE, Madrid
- Matos, G. (1989) "Null VP in Portuguese and English", Workshop, A.P.L., Óbidos
- Moritz, L. (1989), "Syntaxe de la négation de phrase en français et en anglais", ms., Université de Genève

- Ouhalla, J. (1990), "Sentential Negation, Relativised Minimality and the Aspectual Status of Auxiliaries", *The Linguistic Review* 7, 183-231
- _____ (1993), "Preposed and In-Situ Phrases in Arabic", apresentação no "Séminaire de Recherche Interdépartmental", Université de Genève
- Pollock, J. (1989), "Verb Movement, UG and the Structure of IP" in *LI* 20, 3
- Rivero, M. L. (1970), "Estudio de una Transformación en la Gramática del Español: el Transporte de la Negación", in *Español Actual*, 17, 14-22
- Rizzi, L. (1990), *Relativised Minimality*, MIT Press, Cambridge, Mass.
- _____ (1991), "the Wh-Criterion" in *Technical Reports*, 2, Université de Genève
- Rizzi, L. & I. Roberts (1989), "Complex Inversion in French", in *Probus* 1
- Ross, J. (1983), "Inner Islands" in *Proceedings of the 10th Meeting of the Berkeley Linguistics Society*, 258-265
- Shlonsky, U. (1992), "The Representation of Agreement in COMP" in *GenGenP*, Vol.0, N.0, Université de Genève
- Silva, B. (1984), *O Dialecto Creoulo de Cabo Verde*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa
- Sportiche, D. (1992), "Clitic Constructions", ms., UCLA
- Teyssier, P. (1983), "La négation dans les Créoles Portugais", apresentação no 17e Congrès International de Linguistique et Philologie Romaines, Aix-en-Provence
- Vigário, M. (1991), "Sintaxe de Não em Português Arcaico e em Português Actual - um Estudo Comparativo", ms., Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
- Zanuttini, R. (1991), *Syntactic Properties of Sentential Negation. A Comparative Study of Romance Languages*, PhD Diss., University of Pennsylvania